

**ABRACADABRA**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES  
COMUNICAM AOS ALIADOS**

**da cena**

**PODEM  
RESPONDER À**

**PANDEMIA**

**CAOS  
POLÍTICO**

**NO  
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,  
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS  
ARTES DA  
CENA PODEM  
RESPONDER  
À PANDEMIA E  
AO CAOS  
POLÍTICO NO  
BRASIL?**

Organizadores:  
Ana Terra  
Matteo Bonfitto  
Silvia Geraldi  
Renato Ferracini



**ABRACE**

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

## **Diretoria ABRACE**

### **Gestão - 2019-2020... e pandemia**

#### **PRESIDENTE**

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

#### **1ª SECRETÁRIA**

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

#### **2ª SECRETÁRIA**

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

#### **TESOUREIRA**

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

#### **COMISSÃO EDITORIAL**

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)

Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)

Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

#### **CONSELHO FISCAL**

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)

Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)

Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

#### **SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL**

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)

Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)

Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

#### **EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL**

Arthur Amaral

#### **EDIÇÃO**

ABRACE

#### **CO-EDIÇÃO**

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

# COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.  
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

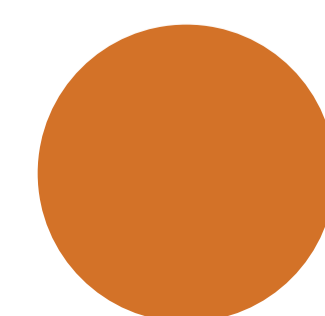
Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



# COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

## Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

**Comissão Editorial Abrace**  
**Gestão 19/20/21**

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

# SUMÁRIO

## capítulo 1

### Cena, resistência e experimentações digitais

#### *DOSSIÊ DO DESCURSO*

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,  
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira \_\_\_\_\_ 15

#### *CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE*

André Carrico \_\_\_\_\_ 95

#### *ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ*

Sócrates Fusinato \_\_\_\_\_ 99

#### *POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva \_\_\_\_\_ 117

#### *TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?*

Maíra Castilhos Coelho \_\_\_\_\_ 144

#### *O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA*

Mônica Melo \_\_\_\_\_ 172

#### *VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS*

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães \_\_\_\_\_ 198

#### *QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS*

Priscila Rosa \_\_\_\_\_ 216

#### *O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.*

Daniele Pimenta \_\_\_\_\_ 224

#### *VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA*

Charles Feitosa (UNIRIO) \_\_\_\_\_ 240

#### *MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE*

Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni \_\_\_\_\_ 253

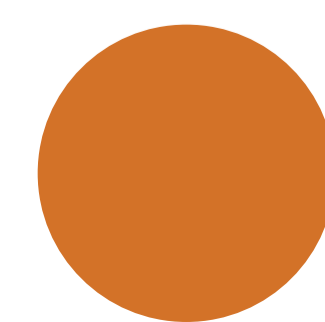


<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

## capítulo 2

### Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA  
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira \_\_\_\_\_ 599

*ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS*

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini \_\_\_\_\_ 638

*“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020*

Alba Pedreira Vieira \_\_\_\_\_ 666

*DANÇA NA PANDEMIA*

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães \_\_\_\_\_ 696

**capítulo 3****Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. \_\_\_\_\_ 712

*CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO*

Andre Luiz Rodrigues Ferreira \_\_\_\_\_ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:  
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes \_\_\_\_\_ 757

*BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS*

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins \_\_\_\_\_ 793

*PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA*

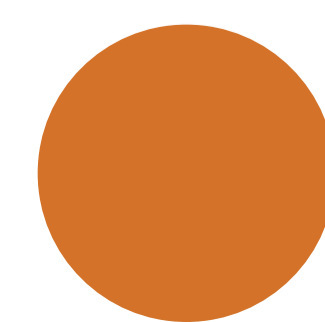
Estela Vale Villegas \_\_\_\_\_ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA  
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad \_\_\_\_\_ 856

**capítulo 4****Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman \_\_\_\_\_ 887



*COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO*  
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,  
Tania Alice \_\_\_\_\_ 908

## capítulo 5

### Ações performativas em isolamento

*SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS*  
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira \_\_\_\_\_ 935

*MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI*  
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas \_\_\_\_\_ 940

*QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO*  
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,  
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,  
Jefferson Fernandes \_\_\_\_\_ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA  
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*  
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva \_\_\_\_\_ 962

*TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.*  
Stefanie Liz Polidoro \_\_\_\_\_ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA  
NO ISOLAMENTO SOCIAL*  
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez \_\_\_\_\_ 989

*CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA*  
Carla Vendramin \_\_\_\_\_ 1004

*DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA*  
Danielle Martins de Farias \_\_\_\_\_ 1033

*RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS*  
Silvia Balestreri \_\_\_\_\_ 1037

*UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA*  
Domenico Ban Jr. \_\_\_\_\_ 1044

*VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO*  
Patrícia Souza de Almeida \_\_\_\_\_ 1049

## capítulo 6

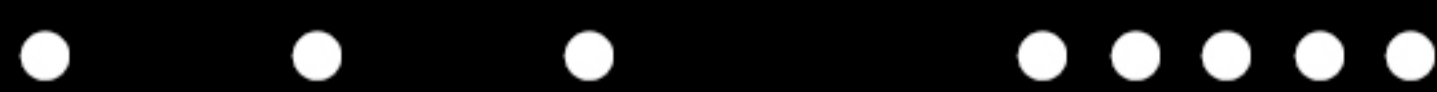
### Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*  
Rafaela Blanch Pires \_\_\_\_\_ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*  
Marcilio de Souza Vieira \_\_\_\_\_ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*  
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira \_\_\_\_\_ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*  
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva \_\_\_\_\_ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*  
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar \_\_\_\_\_ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*  
João Vítor Ferreira Nunes \_\_\_\_\_ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*  
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos \_\_\_\_\_ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*  
Janaína Maria Machado (UFBA) \_\_\_\_\_ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*  
Nanci de Freitas \_\_\_\_\_ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*  
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá \_\_\_\_\_ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*  
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,  
Tânia Guerra de Souza \_\_\_\_\_ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



**CAPÍTULO 3**  
feminismos plurais,  
**PERFORMANCES**  
**E PERFORMATIVIDADES**



# CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

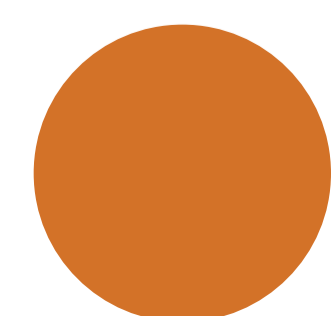
Andre Luiz Rodrigues Ferreira  
(IFFLUMINENSE)<sup>1</sup>



## \_\_RESUMO

O artigo investiga a criação e realização de duas ações performativas virtuais durante a pandemia do ano de 2020, obras artísticas que abordam a necessidade da produtividade e a consequente exaustão gerada por essas demandas. Parodiando as plataformas de transmissão virtual como *lócus* de ensinamento, as ações sob análise objetivaram relacionar a busca acelerada pela aquisição de informações e sua transformação em ampliação de desempenho. Conclui-se que, embora não existam instâncias resguardadas a essas problemáticas, as estratégias utilizadas nessas duas

<sup>1</sup> André Rodrigues é professor efetivo da Licenciatura em Teatro do Instituto Federal Fluminense (IFF), na cidade de Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. Doutor (bolsista CNPq) e mestre (bolsista CAPES) em Artes Cênicas pelo PPGAC/UNIRIO, também é ator e performer. É coordenador do grupo de ensino, pesquisa e extensão LAMP (Laboratório de Micropolíticas e Performatividades da Arte).



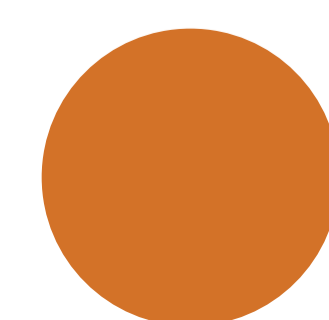
(a)lives carregam um chamado irônico de enfrentamento e resistência, tanto ao artista como ao espectador/participante, em face dos dispositivos de captura do desejo e da criação.

## \_\_PALAVRAS CHAVE

Performatividade, desempenho, paródia, inversão, resistência.

## \_\_ABSTRACT

The article investigates the creation and realization of two virtual performance actions during the pandemic of the year 2020, artistic works that address the need for productivity and the consequent exhaustion generated by these demands. Parodying the virtual transmission platforms as a locus of teaching, the actions under analysis aimed to relate the accelerated search for information and its transformation into increased fulfilment. It is concluded that, although there are no protected instances to these problems, the strategies used in these two (a)lives carry an ironic call for confrontation and resistance, both to the artist and the spectator / participant, in the face of the devices for capturing desire and creation.





## \_\_KEYWORDS

Performativity, fulfilment, parody, inversion, resistance.

## PRIMEIRAS IMAGENS

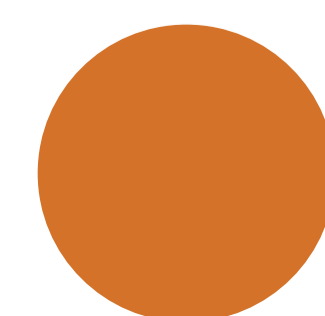
*26 de fevereiro de 2020:* na cidade de São Paulo é registrado o primeiro caso oficial de Covid-19 do Brasil.

*8 de agosto de 2020:* o Brasil ultrapassa a marca oficial de 100.000 (cem mil) mortes causadas pelo corona vírus e suas complicações.

*9 de setembro de 2020:* conta-se o registro oficial de mais de 4.000.000 (quatro milhões) de pessoas infectadas pelo mesmo vírus em cerca de 6 (seis) meses<sup>2</sup>.

Números, marcas temporais e seres humanos perdidos entre surpresa, terror, algarismos e algoritmos. Uma crise pandêmica que contamina em escala global e vem espelhar, bem como aprofundar, problemáticas que já vinham sendo naturalizadas há muito mais tempo do que os corpos conseguem suportar. Exemplos como o racismo estrutural em nosso país e nossas imensas desigualdades socioeconômicas estampam cada vez mais os dispositivos midiáticos enquanto

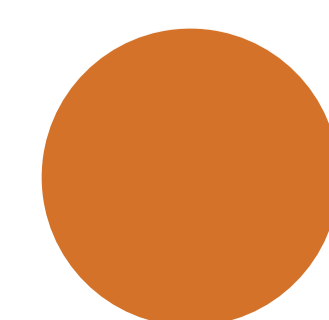
<sup>2</sup> Dados retirados do sítio eletrônico do periódico El país. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-10/trabalhadores-abandonados-pelo-estado-no-brasil.html>>. Acessado em 10/09/2020.



diversas entidades médicas se dedicam a uma “epidemia” invisibilizada que caminha lado a lado com a pandemia de Covid: a grande onda de transtornos psicológicos como ansiedade e depressão que já afeta uma parte considerável do mundo contemporâneo.

Nessa paisagem de caos, mesmo diante de tantos medos e incertezas, e sobretudo a partir desses medos, certas visões de mundo constituidoras da nossa subjetividade insistem em se perpetuar, em detalhes e comportamentos tão arraigados que muitas vezes passam despercebidos. A cada dia vemos se fortalecer e nos indagar com olhos de inquisição uma ideia que é nossa velha conhecida: a produtividade.

O presente artigo mantém como foco de investigação a criação performativa virtual em fricção e diálogo com a exaustão vivenciada pela sociedade do desempenho. Como buscar linhas de fuga através do desejo criador em arte sem recair, contudo, nas armadilhas da produtividade desenfreada? Esta foi uma das questões norteadoras a esse estudo, transitando por temas e problemáticas que parecem afetar uma grande parte dos artistas e pesquisadores em arte, como a necessidade da produção artística acelerada e o conseqüente cansaço que nos atravessa.

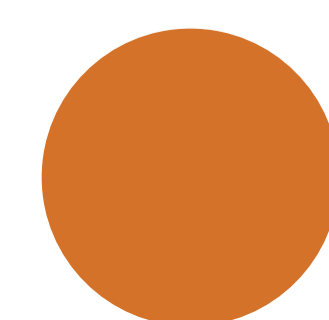


## Arte e cansaço

Noções como organização e eficácia atravessam os corpos desde século XVIII, quando o corpo vai sendo pensado e trabalhado como conjunto de aptidões e capacidades que devem ser treinadas e ampliadas (FOUCAULT, 2004). O momento histórico das *disciplinas* passou a produzir uma maquinaria de poder que incide sobre o corpo humano, visando o aumento de suas habilidades, o aprofundamento de sua sujeição, e o desdobramento de noções como obediência e utilidade.

Operando no terreno minucioso do molecular, há uma relação não apenas econômica entre os corpos e seus mecanismos de controle e coerção contínua. Fortes desdobramentos socioculturais vão sendo produzidos por esses processos de sujeição, quando os corpos, revestidos de utilidade e potência criadora, vão sendo cotidianamente adequados e enquadrados como mercadoria fundamental dos ordenamentos sociais. Como nos lembra Pelbart (2007), o poder tomou de assalto a existência e seus modos de criar, sentir, desejar, amar.

Uma vez que não existem instâncias resguardadas a essas problemáticas, Rolnik (2006) nomeia de *capitalismo cognitivo* as operações da máquina capitalista que fazem da apropriação dos modos de existência e das forças

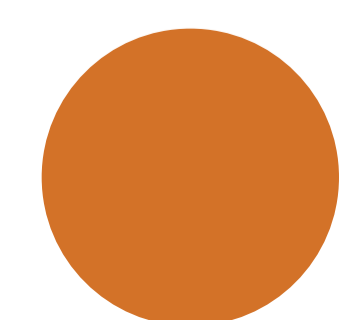


subjetivas o combustível às suas engrenagens. Como resposta às linhas de fuga buscadas pelos movimentos da contracultura nas décadas de sessenta e setenta do século XX, o capital investe suas forças na subjetividade.

Logo, nossa produção artístico-intelectual, bem como visões de mundo outrora desviantes em relação ao *status quo*, vão se transformando em prestigiosa moeda de troca, quando: “[...] nossa força de criação em sua liberdade experimental não só é bem percebida e acolhida, mas é inclusive insuflada, celebrada e frequentemente glamourizada.” (ROLNIK, 2006, p. 4).

Dessa forma, vai se disseminando uma sensação de sufocamento e angústia pela necessidade não apenas de nos mantermos produtivos, mas também de alimentar a vitrine das redes sociais, mostrando ao mundo o que temos realizado enquanto criadores e pesquisadores em arte. Se, por um lado, esse compartilhamento aumenta o acesso a obras e reflexões que há anos não teríamos acesso tão facilmente, paradoxalmente, vemos nossa subjetividade mergulhada na necessidade de se manter em ação, em estado de produtividade perpétua e exibida.

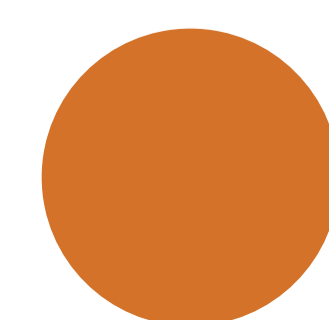
Han (2015) destaca que vivemos uma passagem, sobretudo a partir do século XXI, da sociedade disciplinar para a *sociedade do desempenho*, onde cada indivíduo



é convidado e estimulado das mais variadas maneiras a se tornar “empresário de si mesmo”. De acordo com esse filósofo, o paradigma da disciplina estabelece suas estruturas na negatividade da proibição e em conceitos como a obediência - às leis, às instituições disciplinares e seus dispositivos de poder. O *sujeito de desempenho*, por sua vez, embora ainda disciplinado, torna-se exposto a uma violência sistêmica revestida pela ideia positiva de liberdade, onde cada um de nós se sente “soberano de si mesmo” e impelido a traçar suas metas rumo à maximização da própria produtividade.

Esse panorama ganha contornos extremamente cruéis se pensarmos no caso específico da população brasileira, cuja realidade pandêmica aumentou o número, que já era assustador, de pessoas desempregadas e mergulhadas na informalidade - quadro de vulnerabilidade econômica e social que se mostra ainda mais grave, uma vez que pensemos nos trabalhadores e trabalhadoras da área cultural. Assim, nosso cotidiano vai sendo inundado pelo uso de termos imperativos importados do âmbito corporativo, como empreendedorismo e proatividade.

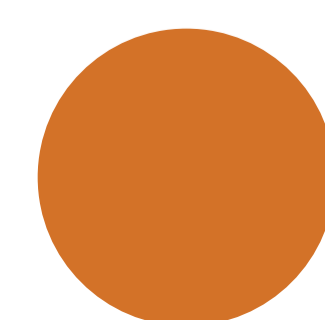
“Como você tem organizado sua rotina durante a pandemia?”. “O que você tem criado (produzido) artisticamente nesse momento de pausa e “reencontro” com a sua humanidade?”. “O que você tem acompanhado



de interessante no “novo normal” das transmissões ao vivo e *lives* nas redes sociais? ”. São tantas frases corriqueiras imbuídas da fantasmagoria da produtividade e da busca pela aquisição de informações que vamos internalizando a sensação de sermos eternos devedores, pois seria humanamente impossível dar conta da avalanche de mensagens, *slogans* e notícias que nos bombardeiam incessantemente a cada dia. Nas palavras de Han (2015, p. 14-15):

O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados. (Grifos do autor).

Nesse contexto, os campos da pesquisa em arte e da criação artística vão sendo contaminados pela lógica da produtividade acelerada, da demonstração de desempenho e da suposta positividade motivadora de projetos, reuniões e cronogramas a cumprir. Diante de tantas dificuldades (como a escassez de editais dedicados à cultura e o fechamento de teatros e espaços culturais), aqueles e aquelas que conseguem manter sua subsistência através da criação e

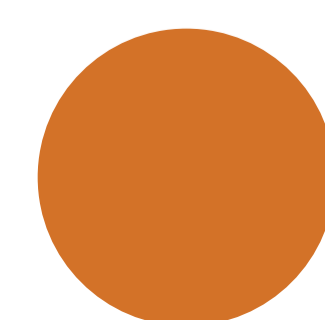


do ensino e pesquisa em arte são alçados ao patamar de “sujeitos extremamente privilegiados”, devendo, portanto, pagar sua cota de sacrifício, aumentando a sobrecarga de trabalho artístico-intelectual, afinal de contas: *Sim, nós podemos! Será?*

Vivemos um momento de impasse, onde tentamos equilibrar (ou o caminho seria desequilibrar?) nossos desejos de criação e as demandas a que devemos atender para garantir a sobrevivência. Conforme afirma Lapoujade (2002), em suas considerações deleuzianas, o corpo não cessa de sofrer a atuação de forças que agem sobre ele, gerando desequilíbrio, desorganização, diferença e singularidades. Sofrer não configura, portanto, um estado particular do corpo, mas é, antes, a condição corpórea primeira, implicação de sua exposição ao fora, aos afetos, em sua erupção de encontros com outros corpos, humanos e inumanos, presenças físicas e virtuais.

Nesse processo, urge se deixar atravessar pelo sofrimento e nessa passagem encontrar afirmação de vida, sofrer sem se ferir de morte. Fazer da dor elemento de vibratibilidade, sem fetichizar ou esgarçar sua dimensão de incômodo. Mas, tampouco, dela se esgueirar, num encontro com os afetos que são avessos ao controle.

O desafio parece residir em se manter aberto a essas



dinâmicas de exposição ao fora e suas instabilidades no que trazem de afecção, enfrentando os mecanismos de sujeição sem se fechar totalmente a eles. Como gerar a defesa e resistência necessárias aos dispositivos de enquadramento da criação artística na lógica da produtividade sem esquecer, ao mesmo tempo, que o sofrimento causado por essa estrutura é uma demanda do nosso tempo?

Interromper a afirmação de vida da criação não me parece uma opção, ou de outra maneira esta atitude produziria mais mecanismos de anestesia, embrutecimento e fechamento. E, contraditoriamente, saber e assumir que o corpo está sufocado, na busca exausta por “[...] suportar o insuportável, viver o inviável. [...] estar à altura de seu cansaço ao invés de ultrapassá-lo em um endurecimento voluntarista [...].” (LAPOUJADE, 2002, p. 87 – 88).

Foi a partir dessas dúvidas, *perguntas-ferida*, que me lancei à criação performativa que analiso a seguir. O desejo do encontro frente a essas questões e o que elas podiam disparar em termos de criação artística ganhou ainda mais força a partir das discussões surgidas em um curso de extensão que coordenei e mediei virtualmente durante o isolamento pandêmico<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> O curso de extensão *Performance e Micropolítica* foi mediado pelo aplicativo de telefonia móvel *Telegram*, durante as oito semanas dos meses de agosto e setembro de 2020, como atividade integrante do grupo de ensino, pesquisa e extensão LAMP (Laboratório de micropolíticas e performatividades da arte) que coordeno junto ao IFFluminense. O curso reuniu 41 pessoas de cidades como Campos dos Goytacazes, Macaé, Rio de Janeiro, São Gonçalo e Limeira, sendo desenvolvido a partir de leituras, fruição de obras de artistas que trabalham com performatividade, discussões e propostas de criação artística.



Perceber como as problemáticas da produtividade atravessam a subjetividade de pessoas das mais variadas cidades, idades e configurações profissionais, provocando inúmeros sofrimentos aos corpos, instaurou em mim a necessidade de também responder a essa demanda pelo corpo. Um corpo individual e coletivo (aliás, existe corpo que não seja construído coletivamente?), através da atualização da presença virtual, na busca por um enfrentamento paródico que lançasse, pelo incômodo do riso, luzes a essa temática.

**ESTUDO DE CASO:  
a experiência de duas (a)lives performativas**

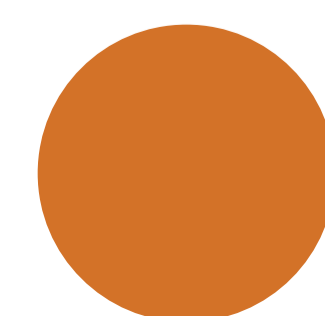
*Agosto de 2020*

**“Aprenda a tornar sua vida produtiva  
e equilibrada durante a Pandemia”**

Aprenda lições simples de como tornar seu dia-a-dia mais dinâmico, proativo e equilibrado!

O poder de mover o mundo está dentro de você!

A live poderá ser acompanhada aqui no meu perfil



e também nos perfis da nossa equipe de colaboradores e colaboradoras (cada perfil vai propor uma experiência diferente a vocês!!!).

---

*Setembro de 2020*

### **“Aprenda a lidar com o excesso de imagens da cibercultura”**

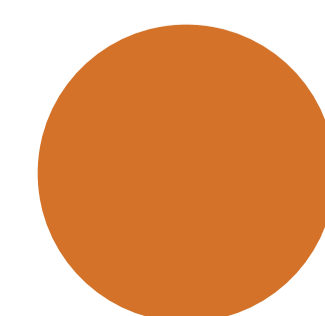
Você se sente perdida ou perdido em meio ao excesso de informações e imagens da cibercultura?

Venha conferir a nossa Live e aprenda dicas simples para melhorar seu dia a dia!

A live poderá ser acompanhada no perfil do Prof. André Rodrigues @andreheyboy<sup>4</sup>

Durante a pandemia do ano de 2020, *lives* e transmissões virtuais ganharam destaque no compartilhamento de ideias e reflexões, produzindo uma verdadeira enxurrada de imagens, sons e palavras - dos mais banais aos mais “bem-intencionados”, das conversas que poderiam ser mantidas no âmbito das mesas de bar às aulas de grandes nomes do pensamento mundial. Essa foi uma das bases das duas

<sup>4</sup> O registro das duas ações pode ser visto no mesmo perfil da rede social Instagram.



criações performativas em análise.

O número exagerado de transmissões virtuais diárias também é reflexo de uma sociedade que não sabe o que fazer com seu cansaço, que necessita ir em busca da ideia da produtividade para se sentir com vida, mesmo em supostos momentos de pausa ou descanso. O excesso de informações e estímulos cria uma economia outra de atenção, fragmentada e instável, incidindo diretamente sobre nossa percepção do mundo através da sobrecarga de impulsos e tarefas (HAN, 2015).

Logo, não haveria dispositivo virtual melhor do que a da *live* – este popular recurso de “transmissão do conhecimento” durante a pandemia de Covid-19 – para abrigar a realização e o compartilhamento dessas duas ações performativas. Usar a transmissão síncrona como plataforma e alvo de questionamento, uma *(a)live*<sup>5</sup> em suas dinâmicas paródicas.

Embaralhando, inclusive, a ideia de transmissão ou mediação de informações pelas frases e palavras que foram exibidas em cada apresentação, pois, devido ao espelhamento da imagem transmitida pela câmera do aparelho celular, as frases e *slogans* apareceriam invertidas<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Apesar do caráter crítico-reflexivo que move essas ações virtuais, ela não consiste em uma anti-live, termo que ressoaria como ingênuo, uma vez que a apresentação da obra performativa ainda consistiu na realização de uma *live*. Prefiro chamar de *(a)live*, uma transmissão virtual síncrona de ações performativas que espelhasse, através da paródia, um corpo em questionamento sobre a sociedade do desempenho.

<sup>6</sup> Essa primeira *(a)live* foi realizada em 23 de agosto de 2020 por mim e mais dez participantes do curso de extensão citado. As onze transmissões aconteceram ao mesmo tempo, quando cada

Assim, surgem dois conceitos importantes a estas criações performativas: a paródia e a inversão.

Agamben (2007) destaca duas características marcantes à construção paródica: a dependência a um modelo preexistente – o pré-texto parodiado cuja seriedade é transformada em substância cômica – e a conservação de elementos formais contaminados pelo ridículo e pela incongruência. A paródia é, ao mesmo tempo, citação e criação original. Mantendo com o pré-texto estreitas relações intertextuais, o objeto parodiado é exibido em nuances que muitas vezes passariam despercebidas aos olhares cotidianos mais desatentos, características destacadas por meio do excesso e do exagero.

Dessa forma, conservei a relação da ação performativa com a produtividade desde a criação do cartaz e *slogans* de divulgação da transmissão – no “pior” estilo *coaching*<sup>7</sup>. A distância entre o dispositivo parodiado e o parodiante só seria descoberta pelos observadores no momento da transmissão, quando espectadores se deparariam com uma separação crítica preenchida pela ironia.

---

artista fez suas próprias escolhas de criação partindo da ideia da imobilidade e do silêncio, bem como tomando como pretexto palavras e frases que remetessem à sociedade do desempenho e que seriam exibidas de maneira invertida aos espectadores. Minha transmissão durou 60 minutos e foi vista por 67 pessoas.

<sup>7</sup> O Grande Dicionário Houaiss define esse termo como o treinamento e a orientação de aprendiz ou cliente na conquista de objetivos pessoais e/ou profissionais.

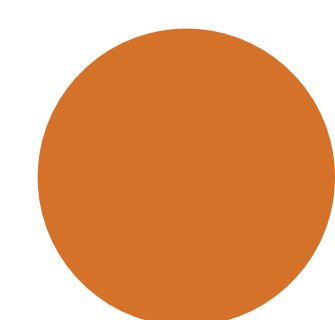




Figura 1 - Cartaz de divulgação e registro da realização da ação.  
Registro pessoal do artista.

Propp (1992) afirma que o fenômeno de zombaria cômica da paródia carrega em si a negação do sentido interior do objeto da parodização, demonstrando que por trás das aparências sérias há um vazio contraditório, pois, essas operações atuam como “[...] um meio de desvendamento da inconsistência interior do que é parodiado.” (PROPP, 1992, p. 85).

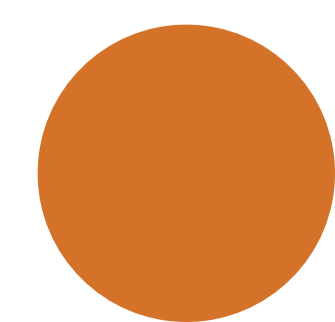
Ao contrário do suposto ensinamento de como tornar a vida mais produtiva (Aprenda lições simples! Aprenda dicas!), essa era a paisagem que eu desejava apresentar aos

espectadores da transmissão: o encontro com o silêncio, o vazio, a imagem viva da ação performativa de um corpo estático. Segundo Lapoujade (2002), o exercício afirmativo da criação, e mesmo de uma certa alegria, parece inseparável de um abrir-se ao afrontamento de um fora, uma vez que:

Nosso corpo se protege contra os ferimentos que sofre, tanto pela fuga, pela insensibilidade, como pela imobilização (fingir-se de morto), ou seja, por processos de fechamento, de enclausuramento. O corpo não pode mais suportar certas exposições [...]. Mas estes indispensáveis processos de defesa contra o sofrimento devem ser inseparáveis de uma exposição ao sofrimento, que aumenta a potência de agir dos corpos. (LAPOUJADE, 2002, p. 87)

Percorrendo caminhos distintos das palavras desse autor, investiguei a partir dessa primeira ação performativa virtual a imobilidade como possibilidade de potência criativa dentro das regras de um mundo que não deve parar, que entende o repouso como falta, como falência da vida, pois: “quando eu morrer, eu descanso”.

Por se manifestar como um exercício de proximidades e distâncias, por estar dentro e fora dos eixos da suposta lógica do mundo, defendo que a paródia e seu jogo de embaralhamentos pode incitar reflexões e visões outras sobre a realidade. Esse posicionamento cômico e corrosivo frente ao cotidiano implica na busca por um tipo de

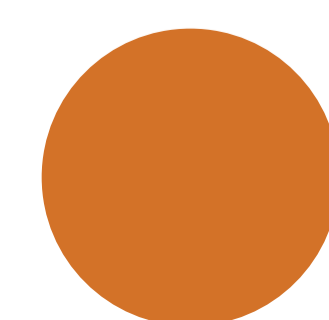


comunicação provocadora, que desnaturaliza pelo confronto sarcástico as supostas verdades e aqueles que nelas acreditam.

E, assim, vão sendo estabelecidas marcas do presente, concomitantemente vestígios políticos de compromisso com nosso tempo e suas problemáticas, diálogo ácido através do qual a comicidade dirige um convite aos sujeitos como demanda ao enfrentamento das obscuridades que os cercam e constituem. Pensando na pulsão de morte carregada pela ironia, Mendes afirma: “[...] não é nada reconfortante o modo cômico de agir, inimigo que é não apenas do medo, mas de todo mecanismo de controle, de garantia de estabilidade” (MENDES, 2008, p. 212).

A mesma lógica ácida atravessa a realização da segunda *(a)live*, quando a literalidade do corpo performativo (MATESCO, 2012) parece ser a única resposta possível à proliferação de informações e imagens a que somos submetidos em nosso cotidiano. Como lidar com esse excesso senão com um olho arregalado, quase monstruoso, que luta para permanecer aberto e que observa a câmera e seus espectadores virtuais anônimos sem piscar<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Ação criada e transmitida por mim em 13 de setembro de 2020. Teve a duração de vinte minutos e foi observada por 35 pessoas.



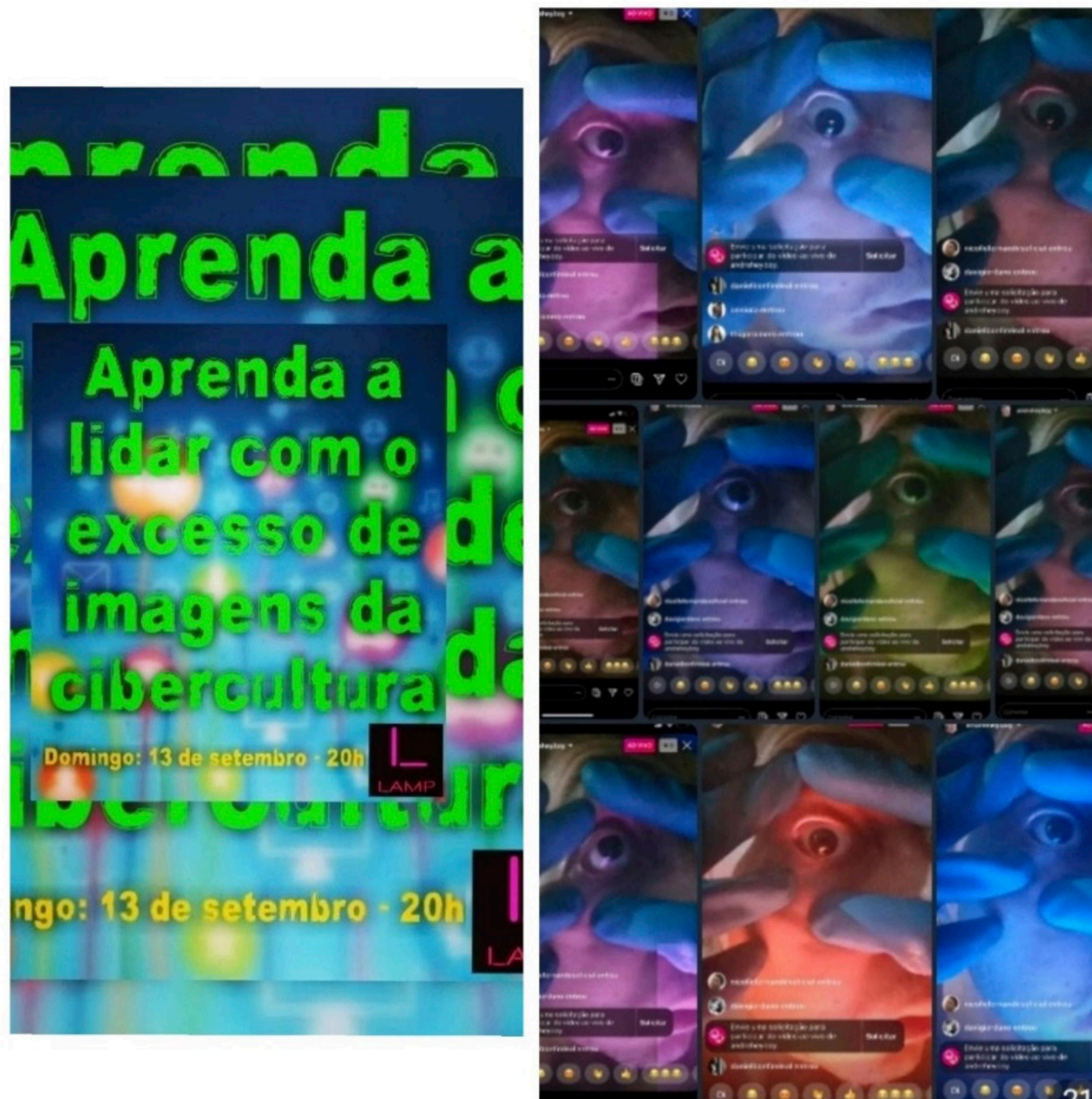
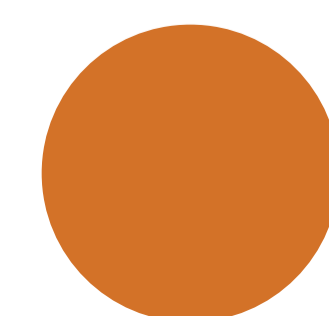


Figura 2 - Cartaz de divulgação e registro da realização da ação.  
Registro pessoal do artista.

Logo, junto à resposta literal do corpo performativo, surge outro conceito importante a essas duas *(a)lives*: a *inversão*. Conforme destaca Bakhtin (1981), a criação de um mundo invertido gera, por meio do extravasamento, a revogação dos padrões determinantes da ordem instituída e dos valores do cotidiano, gerando lacunas e rasgos no interior do:

[...] sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo,





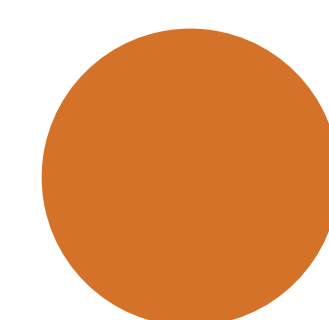
reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens. (Ibid., p. 105).

Dessa forma, investiguei a transmissão virtual como *lócus* de inversão, operando através de uma disjunção na seriedade e valores que pressupõem a perpetuação da sociedade do desempenho e da produção acelerada. Fricção entre a ideia corrente da aquisição perpétua de informações (e seu conseqüente “aproveitamento” em produtividade) e a literalidade de um corpo performativo exausto, em sua imobilidade atônita.

A zombaria sobre a sociedade do desempenho e da exaustão transita por um caráter dúbio, instável, como um possível riso de desconforto, sem perder de vista o viés doloroso dos processos que lhe inspiram, quando:

[...] o cômico irrompe pelas brechas da fachada séria das coisas; mais que brechas, buracos que se abrem na textura lógica ou sensível do ser. Por essas aberturas, percebe-se o outro lado, e o choque sacode-nos nervosamente: esse riso é o grito de surpresa de um homem a quem o caos e o nada acabam de assaltar. (MINOIS, 2003, p. 96).

Defendo através dessas *(a)lives* e de suas reflexões a busca por um fenômeno performativo paródico que cause

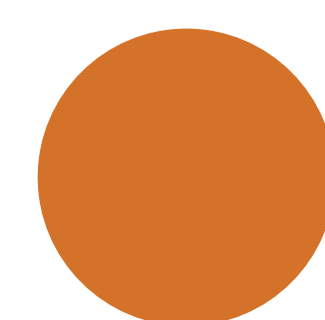


dúvida e instabilidade **às noções que nos constituem**. Rir do que nos assujeita, dos encontros que tendem a enfraquecer nossas potências. Rir da própria tirania da produtividade capitalista, num encontro inevitável com nossa própria vulnerabilidade e cansaço.

## ÚLTIMAS IMAGENS

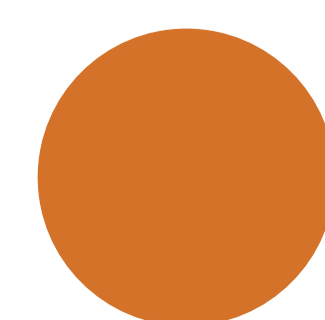
O sufocamento causado pela necessidade de nos mantermos produtivos vai criando uma sensação de “dormência”, de competitividade com o mundo e com nós mesmos, na luta diária pela manutenção e ampliação do desempenho. O investimento dos dispositivos de poder sobre o corpo e seus processos de criação vai nos tornando nossos próprios algozes e incentivadores.

A quem serve nossa criação e produtividade? Na circulação dos poderes, entramos e saímos de suas redes, constituindo, ao mesmo tempo, alvo e centro irradiador de sua transmissão. Como gerar perturbação a essas demandas da produtividade se mostra como questão a ser enfrentada, não numa competição voluntarista, mas na investigação de brechas que abarquem nossa exaustão, nossa solidão e vulnerabilidade. Encontrar meios de exercitar, talvez, a beleza das lições de Preciado (2020, p. 145):



Desejo que lhes falte força para repetir a norma, que não tenham energia para continuar fabricando identidade, que percam a determinação de continuar acreditando que seus papéis dizem a verdade sobre vocês. E quando tiverem perdido toda a coragem, loucos de covardia, desejo que inventem novos e frágeis usos para seus corpos vulneráveis. É por amá-los que os desejo frágeis e não corajosos. Porque a revolução atua através da fragilidade.

O posicionamento ético da arte frente a essas questões reflete sobre a vontade de ação que vincula o indivíduo como parte e produto de uma sociedade cujos valores necessitam urgentemente de revisão, de resistência, de enfrentamento crítico. Nesse contexto, entendo que a ironia ácida presentificada pela paródia e pela inversão podem indicar tentativas efêmeras, falhas e parciais, de investigar a possibilidade da covardia, da parada, da inadequação diante da suposta positividade que nos impele à criação incessante. Como as luzes de uma tela de brilho artificial que tenta esconder nossa obscuridade e nosso cansaço, vejo piscar a frase em cor neon: ATÉ QUANDO SUPORTAREMOS? ATÉ QUANDO SUPORTAREMOS? ATÉ QUANDO...



## \_\_REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2004

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

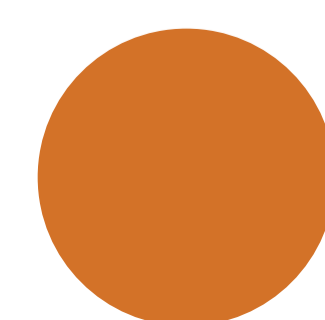
MATESCO, Viviane. Corpo, ação e imagem: consolidação da performance como questão. **Poiesis**: n. 20, p. 105 – 118, 2012.

MENDES, Cleise Furtado. **A gargalhada de Ulisses**: a catarse na comédia. São Paulo: Perspectiva / Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2008.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Unesp, 2003.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica. **Sala Preta**, São Paulo, v.7, pp. 57 – 65, 2007.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**. Crônicas da travessia. São Paulo: Companhia das letras (Zahar), 2020.

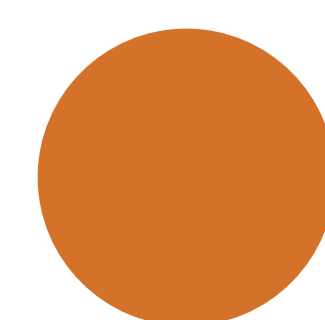


PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso**. São Paulo: Ática, 1992.

ROLNIK, Suely. Geopolítica da cafetinagem. **Núcleo de estudos da subjetividade**. São Paulo: PUCSP, 2006.

Disponível em:

< <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>>. Acesso em 19 set. 2020.





**PPG-Artes da Cena**  
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena  
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

